

WALTER BENJAMIN
LINGUAGEM
TRADUÇÃO
LITERATURA



OBRAS ESCOLHIDAS DE
WALTER BENJAMIN

edição e tradução de
JOÃO BARRENTO

ASSÍRIO & ALVIM

I.
FILOSOFIA E SOCIOLOGIA
DA LINGUAGEM

SOBRE A LINGUAGEM EM GERAL E SOBRE A LINGUAGEM HUMANA

Todas as manifestações da vida do espírito no ser humano podem ser entendidas como uma forma de linguagem, e esse entendimento abre em geral, como se fosse um verdadeiro método, para novos questionamentos. Pode falar-se de uma linguagem da música e da escultura, de uma linguagem da justiça, que não tem ligação directa com as línguas da jurisprudência alemã ou inglesa; pode falar-se de uma linguagem da técnica, que não é a do jargão especializado dos técnicos. Linguagem significa, neste contexto, o princípio orientado para a comunicação de conteúdos espirituais nos respectivos domínios: na técnica, na arte, na justiça ou na religião. Numa palavra: toda a comunicação de conteúdos espirituais é linguagem, sendo que a comunicação pela palavra é apenas um caso particular, o da comunicação humana e daquilo que a fundamenta ou nela se baseia (a justiça, a poesia, etc.). A existência da linguagem, porém, não abarca apenas todos os domínios das manifestações do espírito humano, de algum modo sempre animadas pela língua — abarca absolutamente a totalidade do ser. Não existe acontecimento ou coisa, nem na natureza animada nem na inanimada, que não participe de algum modo da linguagem, porque a tudo é essencial poder comunicar o seu conteúdo espiritual. Mas de modo nenhum o uso da palavra «linguagem» neste contexto é metafórico. De facto, trata-se de uma constatação plena e substancial: não nos é possível imaginar seja o que for que não comunique a sua essência espiritual através da expressão. O grau maior ou menor de consciência a que tal expressão está aparente ou realmente ligada em nada altera o facto de que não nos é possível imaginar a total ausência de linguagem no que quer que seja. Uma existência sem qualquer relação com uma linguagem seria uma ideia; mas essa ideia não pode tornar-

-se produtiva, nem mesmo naquele domínio das ideias cujo âmbito define as ideias de Deus.

A uma conclusão, porém, podemos chegar: a de que, nesta terminologia, toda a expressão, desde que seja comunicação de conteúdos espirituais, se situa na esfera da linguagem. Aliás, naquilo que constitui a sua mais plena e íntima essência, a expressão só pode ser entendida como *linguagem*. Por outro lado, para compreendermos uma essência-de-linguagem temos de perguntar sempre: de que essência espiritual é ela a expressão imediata? Ou seja: a língua alemã, por exemplo, de modo nenhum é a expressão de tudo aquilo que, *por meio* dela, podemos — supostamente — expressar; ela é, isso sim, a expressão imediata daquilo que *nela se* comunica. Este *se* é uma essência espiritual. Com isto, torna-se desde logo óbvio que a essência espiritual que se comunica numa língua não é a própria língua, mas algo que dela se distingue. O ponto de vista segundo o qual a essência espiritual de uma coisa consiste precisamente na sua linguagem — esse ponto de vista, entendido como hipótese, é o grande abismo em que ameaça precipitar-se toda a teoria da linguagem¹; e a sua tarefa é precisamente a de se manter acima dele, a de pairar sobre ele. A distinção entre a essência espiritual e a essência-de-linguagem, em que aquela comunica, é a mais primordial numa investigação no campo da teoria da linguagem, e esta distinção parece ser tão inquestionável que, pelo contrário, a identidade tantas vezes afirmada entre a essência espiritual e a de linguagem constitui um profundo e incompreensível paradoxo, para o qual se encontrou expressão no duplo sentido da palavra *Λογος* [*Logos*]. No entanto, este paradoxo tem o seu lugar, enquanto solução, no centro da teoria da linguagem, mantendo, porém, a sua condição de paradoxo e sendo, por isso, insolúvel quando se situa no início.

O que comunica uma língua? Comunica a essência espiritual que lhe corresponde. É fundamental saber que esta essência espiritual se

¹ Ou será antes a tentativa de colocar a hipótese no início, que constitui o abismo de todo o filosofar? [*Nota de W.B.*]

comunica *na* língua, e não *por meio* da língua. Não existe, portanto, o falante das línguas, se por isso entendermos aquele que se comunica *por meio* dessas línguas. A essência espiritual comunica-se numa língua e não por meio de uma língua — e isto quer dizer que não se identifica, a partir de fora, com a essência da linguagem. A essência espiritual só é idêntica à essência-de-linguagem na medida em que é *susceptível de* comunicação. O que é susceptível de comunicação numa essência espiritual é a sua essência-de-linguagem. A linguagem comunica, portanto, uma essência-de-linguagem particular das coisas, mas só comunica a sua essência espiritual desde que esta esteja directamente contida naquela, desde que seja *susceptível de* comunicação.

A linguagem comunica a essência-de-linguagem das coisas. Mas a sua mais clara manifestação é a própria linguagem. A resposta à pergunta: *o que* comunica a linguagem? é então a seguinte: *cada linguagem comunica-se a si mesma*. A linguagem deste candeeiro, por exemplo, não comunica o candeeiro (porque a essência espiritual do candeeiro, na medida em que é *comunicável*, não é o próprio candeeiro), comunica antes o candeeiro-linguagem, o candeeiro na comunicação, o candeeiro na expressão. Porque na linguagem as coisas passam-se do seguinte modo: *a essência-de-linguagem das coisas é a sua linguagem*. Compreender a teoria da linguagem equivale a levar esta proposição a um nível de clareza capaz de eliminar qualquer aparência de tautologia que nela possa existir. Esta proposição é não-tautológica porque significa: aquilo que é comunicável numa essência espiritual é a sua linguagem. Tudo assenta sobre este é (que equivale a: «é sem mediação»).

Como atrás se disse de passagem, o que é mais comunicável numa essência espiritual não é o que *se manifesta* de forma mais clara na sua linguagem; pelo contrário, isso que é *susceptível de* comunicação é a própria linguagem, sem mediação. Ou: a linguagem de uma essência espiritual é, sem mediação, aquilo que nela é comunicável. O que existe de comunicável *numa* essência espiritual é aquilo *em que* ela se comunica; ou seja: cada linguagem comunica-se a si mesma. Ou, mais exactamente: cada linguagem comunica-se *em si* própria, ela é,

no sentido mais puro, o *medium* da comunicação. O problema fundamental da teoria da linguagem é este elemento de mediação, é a condição *não mediatizada* de toda a comunicação espiritual; e se se quiser chamar mágica a esta ausência de mediação, então o problema primordial da linguagem é a sua magia. Ao mesmo tempo, falar da magia da linguagem é remeter para uma outra questão: a sua infinitude. Ela é condicionada pela sua não-mediação, pois precisamente porque nada se comunica *por meio* da linguagem, aquilo que se comunica *na* linguagem não pode ser limitado nem medido por factores externos, e por isso toda a linguagem contém em si a sua incomensurável e inconfundível infinitude. Os seus limites são traçados pela sua essência-de-linguagem, e não pelos seus conteúdos verbais.

A essência-de-linguagem das coisas é a sua linguagem. Aplicada ao género humano, esta proposição significa que a essência-de-linguagem do ser humano é a sua língua. Ou seja: o ser humano comunica a sua própria essência espiritual *na* sua língua. Mas a língua dos humanos fala por palavras. O ser humano comunica, portanto, a sua própria essência espiritual (na medida em que ela é comunicável) *nomeando* todas as outras coisas. Mas, conhecemos nós outras linguagens que nomeiem as coisas? Não se venha com a objecção de que não conhecemos nenhuma outra linguagem que não seja a dos humanos, pois isso não é verdade. O que nós não conhecemos fora da esfera do humano é outra linguagem que possa *nomear*; e identificar a linguagem que nomeia com a linguagem em geral é privar a teoria da linguagem das suas certezas mais fundas. *Portanto, a essência-de-linguagem do ser humano está no facto de ele nomear as coisas.*

E nomear para quê? A quem se comunica o ser humano? Mas, será esta questão, no caso do ser humano, diferente da de outras formas de comunicação (linguagens)? A quem se comunica o candeeiro? E a montanha? E a raposa? A resposta, neste caso, é: ao ser humano. Não se trata de antropomorfismo. A verdade desta resposta confirma-se no conhecimento, e talvez também na arte. E para além disso: se o candeeiro e a montanha e a raposa se não comunicassem ao ser hu-

mano, como poderia este nomeá-los? Mas ele nomeia-os; *ele* comunica-se ao nomeá-*los*. A quem se comunica ele?

Antes de responder a esta pergunta, é preciso examinar ainda a questão: como se comunica o ser humano? É preciso estabelecer uma profunda diferenciação, colocar uma alternativa, perante as quais será certamente possível desmascarar uma ideia da linguagem essencialmente falsa. O ser humano comunica a sua essência espiritual *por meio* dos nomes que dá às coisas? Ou *nos* próprios nomes? O paradoxo inerente a esta questão contém a sua resposta. Se se acreditar que o ser humano comunica a sua essência espiritual *por meio* dos nomes, não poderá, por outro lado, supor que está a comunicar a sua essência espiritual — porque isso não acontece por meio dos nomes das coisas, ou seja por meio das palavras com as quais designa uma coisa. Apenas pode supor que comunica uma coisa a outros seres humanos, pois é isso o que acontece por meio da palavra com a qual eu designo uma coisa. Este ponto de vista é o de uma concepção burguesa da linguagem, cuja insustentabilidade e vacuidade se tornarão mais claras a partir das reflexões que se seguem. Esse ponto de vista afirma que o meio da comunicação é a palavra, o seu objecto a coisa, o seu destinatário um ser humano. A outra, pelo contrário, não conhece nem meio, nem objecto, nem destinatário, e afirma que *no nome a essência espiritual do ser humano se comunica a Deus*.

No âmbito da linguagem, o nome não conhece outro sentido, tem apenas essa significação, cujo nível é incomparavelmente mais alto: a de ser a essência mais íntima da própria linguagem. O nome é aquilo *por meio* do qual nada mais se comunica, e *em que* a linguagem, nela mesma e em absoluto, se comunica. No nome, a essência espiritual que se comunica é a linguagem. O nome só existe onde a essência espiritual, na sua comunicação, é a própria língua na sua totalidade absoluta; aí existe o nome e mais nada. O nome como parte do legado da linguagem humana é, assim, o garante de que *a linguagem é, por excelência*, a essência espiritual do ser humano; e só por isso a essência espiritual do ser humano é, entre todas as essências espirituais, plena-

mente comunicável. É isto que fundamenta a diferença entre a linguagem humana e a linguagem das coisas. No entanto, como a essência espiritual do ser humano é a própria linguagem, ele não pode comunicar-se por meio dela, mas tão-somente nela. A quinta-essência desta totalidade intensiva da linguagem enquanto essência espiritual do ser humano é o nome. O ser humano é aquele que nomeia, e por aí reconhecemos que pela sua boca fala a língua pura. Toda a natureza, na medida em que se comunica, comunica-se na linguagem, e assim, em última análise, no ser humano. Por isso ele é o senhor da natureza e pode dar nome às coisas. Só através da essência-de-linguagem das coisas ele sai de si mesmo e chega ao conhecimento delas — no nome. A criação divina completa-se no momento em que as coisas recebem o nome que lhes é dado pelo ser humano, a partir do qual, no nome, unicamente a língua fala. Pode dizer-se que o nome é a linguagem da língua (se este genitivo — o «de» — não designar o meio instrumental, mas o *medium* essencial). Neste sentido, e porque ele fala no nome, o ser humano é o agente activo, e único, da linguagem. Muitas línguas pressupõem esta constatação metafísica ao designarem o ser humano como agente activo da linguagem (e isto significa claramente, segundo a Bíblia, aquele-que-dá-nome: «e como Adão a toda a alma vivente chamasse, isso seria seu nome»¹).

Mas o nome não constitui, por si só, a última ex-clamação, ele é também a verdadeira invocação da linguagem. E assim se manifesta no nome a lei essencial da linguagem, segundo a qual expressar-se a si mesmo e invocar tudo o resto são uma e a mesma coisa. A linguagem — e nela uma essência espiritual — só se exprime de forma pura quando fala no nome, ou seja: na nomeação universal. Assim, no nome culminam a totalidade intensiva da linguagem como essência espiritual absolutamente comunicável e a totalidade extensiva como

¹ A tradução segue a «Bíblia de Almeida», com fixação de texto por José Tolentino Mendonça: *Bíblia Ilustrada* (com imagens de Ilda David'). Lisboa, Assírio & Alvim, 2006, vol. I, p. 25 (Gen. 2, 19). (*N. do T.*)

essência universal comunicante (nomeadora). Pela sua essência comunicante e pela sua universalidade, a linguagem é imperfeita se a essência espiritual que fala a partir dela não for, em toda a sua estrutura, coisa-de-linguagem, isto é comunicável. *Só o ser humano possui a linguagem perfeita do ponto de vista da universalidade e da intensidade.*

Perante esta constatação torna-se possível, agora sem perigo de equívoco, uma questão que tem certamente a maior importância metafísica, mas que aqui poderá ser colocada, com toda a clareza, como uma questão terminológica. Concretamente: se a essência espiritual, não apenas do ser humano (porque nesse caso isso acontece necessariamente), mas também das coisas, portanto a essência espiritual em geral, pode ser designada de essência-de-linguagem do ponto de vista de uma teoria da linguagem. Se a essência espiritual se identifica com a de linguagem, então a coisa será, de acordo com a sua essência espiritual, o *medium* da comunicação, e aquilo que nela se comunica é — de acordo com esta relação de mediação — precisamente esse *medium* (a linguagem). A linguagem é então a essência espiritual das coisas. A essência espiritual é, assim, postulada *ab initio* como susceptível de comunicação, ou melhor, colocada precisamente *no interior* da comunicabilidade; e a tese que postula que a essência-de-linguagem das coisas se identifica com a sua essência espiritual, desde que esta última seja comunicável, torna-se com esse «desde que» uma tautologia. *Não existe um conteúdo da linguagem; enquanto comunicação, a linguagem comunica uma essência espiritual, ou seja, uma comunicabilidade por excelência.* As diferenças entre linguagens são as diferenças do *medium*, e este distingue-se, por assim dizer, pela sua densidade, gradualmente, portanto; e isso acontece a partir de um duplo ponto de vista, consoante a densidade daquele que comunica (nomeia) e do que é comunicável (o nome). Estas duas esferas, que são distintas e no entanto convergem apenas na linguagem do nome do ser humano, correspondem-se, naturalmente, em permanência.

Para a metafísica da linguagem, a equivalência entre a essência espiritual e a de linguagem, que apenas conhece diferenças de grau, resulta numa gradação de todo o ser espiritual. Esta gradação, que